

# Estudo Comparado entre Coéforas e as duas Electra(s)

p. 6 - 14

Gabriela Über<sup>1</sup>

## Resumo

O mito de Electra/Orestes é o único representado pelos três grandes tragediógrafos gregos, Ésquilo, Sófocles e Eurípidas, que foi preservado para os dias de hoje. Assim, para um estudo comparado, para que se possam notar diferenças e semelhanças no estilo de cada um deles, as peças Coéforas, pertencente à trilogia Oresteia, de Ésquilo, e as duas Electra(s), de Sófocles e Eurípidas, são fundamentais, pois com elas podem-se visualizar as diferentes ênfases que cada autor concedeu para um mesmo mito, e suas diferentes versões.

**Palavras-chave:** Ésquilo. Sófocles. Eurípidas.

## Comparative Study Between Coéforas and Electra(s)

## Abstract

The myth of Electra/Orestes is the only myth represented by the three great tragedians Greeks, Aeschylus, Sophocles and Euripides, which has been preserved. Thus, for a comparative study, so that we can notice differences and similarities in the style of each, the plays Coéforas, belonging to Aeschylus' trilogy Oresteia, and the Sophocles' and Euripides' two Electra(s), are fundamental because with them we can visualize the different emphases that each author has granted to the same myth, and its different versions.

**Keywords:** Ésquilo. Sófocles. Eurípidas.

## Introdução

Sabe-se que *Coéforas*, de Ésquilo, foi encenada bem antes da *Electra* de Sófocles e da de Eurípidas; porém, a respeito destas duas, ignora-se qual foi escrita primeiramente, já que Eurípidas era mais novo que Sófocles, mas morreu com mais idade, e os dois compuseram essas peças no fim de suas carreiras. Acredita-se que ambas foram encenadas na mesma década, mas o ano exato de cada uma é incerto. Portanto, pode-se tomar como base que Sófocles e Eurípidas

tinham conhecimento da tragédia de Ésquilo e por isso dialogam diretamente com essa, numa tentativa de fazer uma melhor versão do mito – afinal, para os gregos o que importava não era a originalidade do tema, mas sim o aperfeiçoamento da técnica poética. Winnington-Ingram enfatiza essa ligação: “[...] *Electra* is full of reminiscences of the *Choephoroi*, which must mean that Sophocles wrote his play with the *Oresteia* constantly in mind” (2002, p.217). A relação das *Electra(s)* com *Coéforas* é clara, como será apontado ao longo deste ensaio; todavia, a partir da análise dos textos não há como

<sup>1</sup> Mestranda em em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. E-mail: gabrielauber@hotmail.com

saber qual das Electra(s) veio antes, apenas se pode afirmar que certamente o último autor que encenou o mito teve acesso próximo à primeira Electra, compondo a sua em contraste com as outras duas versões. Alguns estudiosos defendem a tese de que a Electra de Eurípides foi escrita anteriormente com convicção, outros defendem que não; de qualquer forma, são apenas teorias, sem provas concretas. Para este artigo, far-se-á a comparação das três tragédias, sem pensar numa relação de consequência entre as peças dos dois últimos autores, apontando as diferenças sem uma preocupação com a sua ordem.

Kirkwood(1996) tenta resumir características gerais das três peças. Sobre Coéforas:

*In Aeschylus' play the central dramatic fact, that which gives the play not only a course of events, but its very reason for being, is the accomplishment of the revenge. This is the primary thing; not the behavior of Orestes or Electra, nor the study of the phenomenon of matricide, but the terrible, goddriven, necessary act, as it takes its place in the panoramic study of divine nature and justice that fills the trilogy* (KIRKWOOD, 1996, p.34).

Em contraste a isso, nota-se nas Electra(s) uma maior importância justamente para o comportamento dos personagens:

*Both Sophocles and Euripides are interested in the relation between situation and character in a way that Aeschylus is not. Euripides is interested in the kind of person who could do what Electra and Orestes* (Idem, p.35).

### Adentrando nas peças

O prólogo de Coéforas começa com uma prece de Orestes diante do túmulo do pai; junto a ele está Pilades. Ele vê uma marcha de mulheres se aproximando com libações e entre elas já reconhece uma que acredita ser Electra: “Não é outra! Creio marchar Electra minha irmã, com pranteado luto distinta”. (ÉSQUILO, 2004, p.75) Na Electra de Eurípides, percebe-se justamente a situação contrária: devido à cabeça raspada de Electra e seus trajés pobres, Orestes

toma a irmã por uma serva, só a reconhece após ela se identificar. A cabeça raspada é devido ao luto pelo pai, mas associada à veste inapropriada para alguém de sangue nobre, foi tomada como serva, por estas geralmente apresentarem as cabeças raspadas. “Noto que uma serva equilibra na cabeça raspada um vaso d’água. Conversemos com a jovem escrava [...]”. (VIEIRA, 2009, p.84) Mas antes de conversar, Orestes e Pilades se escondem e escutam a lamentação de Electra, descobrindo então quem ela é. Na Electra de Sófocles, aparecem no prólogo Pilades, Orestes e o Pedagogo; eles escutam um lamento vindo do palácio e enquanto o Pedagogo pensa ser de uma serva, dessa vez é Orestes quem pensa logo se tratar de Electra – “Não pode ser da circumspecta Electra? Aguardo até ouvir os seus queixumes?” (SÓFOCLES, 2009, p.23) Ele deseja vê-la, mas o Pedagogo diz que o seu dever é realizar com urgência as libações ao pai. Dessa forma, eles saem sem que os dois irmãos se encontrem, sendo postergado em Sófocles não só o reconhecimento de Orestes por Electra, mas o encontro dos dois.

Além dessas diferenças na relação de reconhecimento e contato de Orestes e Electra, já nos prólogos notam-se também diferenças marcantes de cenário, principalmente na tragédia de Eurípides. Em Ésquilo, a cena se passa inicialmente na frente do túmulo de Agamêmnon. Esse é o ambiente central e o próprio nome da peça já justifica isso, pois as Coéforas são aquelas portadoras de libações funerárias, escravas do palácio; as próprias libações são descritas detalhadamente ao longo do canto coral da peça. Já em Sófocles, a ação se passa na frente do palácio, local onde comumente se passavam as tragédias gregas – em alguns momentos, percebe-se certo tradicionalismo de Sófocles com os preceitos das tragédias, acima dos outros dois autores, por exemplo: sua Electra é a que apresenta mais elementos trágicos, percebido no fato do

retardamento do reconhecimento de Orestes por Electra, acarretando em a peça permanecer por maior tempo com as lamentações desta. Por fim, Eurípides demonstra a fama de inconveniente que conquistou perante os atenienses já no prólogo, ao fazer seu cenário ser fora das muralhas da cidade, em frente a um casebre de um camponês, um lugar pobre, incomum de aparecer em tragédias, conhecidas por retratarem sempre nobre estirpe e lugares suntuosos. Não só o local, mas também o primeiro personagem que aparece causa estranhamento: um camponês, um obreiro, alguém que não tem sangue nobre, que não deveria ser personagem de uma tragédia tradicional. É ele quem contextualiza a peça e explica o que está se passando. Inclusive diz que Egisto que matou Agamêmnon, enquanto que em Ésquilo e Sófocles é Clitemnestra quem faz isso.

Eurípides também se destaca por uma ampliação considerável do enredo do mito: ele cria uma contextualização mais rica e complexa, que envolve, por exemplo, uma Electra casada. Além disso, não só se apresenta em ação o presente, mas o passado é detalhadamente explicado e o futuro também, com a aparição de deuses que o preveem e mostram tudo o que virá para Electra e Orestes. Ao contrário, Sófocles nos apresenta uma tragédia com um enredo mais simplificado, sem grande contextualização em comparação com seu contemporâneo. Kirkwood (1996) apresenta uma explicação para isso:

*The same combination of simpler dramatic form and more complex presentation of the main figure is found in Electra. It is a natural development. Simplicity of plot means greater concentration on one person, which in turn results in more intricate presentation of that person (KIRKWOOD, 1996, p.55).*

Assim como a simplificação do enredo ajuda na ênfase do caráter de Electra e na construção de sua personalidade, também a oposição dela com sua irmã, o que será tratado posteriormente, tem essa função.

Após o prólogo vem o párodo, no qual aparece o primeiro canto coral. Em Ésquilo, as Coéforas começam suas libações e falam do sonho ruim que Clitemnestra teve, mostrando-se claramente contra ela ao verem no sonho um bom augúrio. Esse coro é o mais desenvolvido entre as três peças; ele tem uma função importante dentro da ação, inclusive interfere nela, como quando contraria a ordem de Clitemnestra de que Egisto volte com guardas, pedindo que ele volte sozinho – isso apresenta consequência direta para o desfecho trágico. Já na tragédia de Sófocles, ele se mantém mais próximo ao tradicional, por apresentar um coro de mulheres cidadãs, não de escravas – o coro tradicional era composto por cidadãos da pólis, representando o senso comum, as opiniões do povo. Em Ésquilo, o coro canta sozinho no párodo; em Sófocles, ele canta com Electra, havendo um diálogo entre eles. Por fim, em Eurípides há no párodo uma conversa entre o coro e Electra também, sendo o coro constituído de camponesas, mulheres livres, mas de baixa estirpe – novamente o autor mostra algo incomum na tragédia clássica.

O primeiro episódio de Coéforas começa com o desenvolvimento das libações por Electra e o coro. Em meio a isso, Electra vislumbra uma madeixa de cabelo na tumba do pai e logo pensa ser de Orestes, pois para ela não há mais ninguém além deles dois que ofertaria uma madeixa de cabelo ao túmulo de Agamêmnon. Em seguida, vê pegadas parecidas com as suas e conclui que só podem ser de Orestes:

Eis vestígios – segundo indício – de pés, similares, e parecidos aos meus, pois estes dois traços são de dois pés, dele mesmo e de algum companheiro; talões e traços de nervos, quando medidos, coincidem no mesmo com minhas pegadas (ÉSKUILO, 2004, p.87).

Após essa fala, Orestes, que tudo escutava, aproxima-se e se identifica, sem prolongar a expectativa da irmã. Ela a princípio desconfia,

pois não o reconhece, mas então ele apresenta a terceira prova de sua presença: vestia uma roupa tecida por Electra, antes de ele ter sido exilado. Em *Ésquilo*, Orestes não apenas se identifica logo para a irmã, como faz questão de provar quem é, sem se preocupar com possíveis consequências de descobrirem sua identidade. Nota-se em *Ésquilo* uma Electra esperançosa, percebe-se que ela se agarraria ao menor indício da presença do irmão, pois há anos ela espera a sua volta. Ao contrário dessa Electra, Eurípides nos apresenta uma Electra descrente e desconfiada; Orestes se apresenta como um mensageiro inicialmente, por querer ter certeza de que pode contar com o apoio da irmã antes de se identificar. Percebe-se um Orestes mais contido e menos emotivo, que não se deixa levar pelas emoções e mantém seu plano inicial sem se abalar com o encontro com a irmã.

Quando as circunstâncias são desfavoráveis à volta, como é o caso de Odisseu e Orestes, cujo direito ao trono é contestado, o herói deve assumir uma nova identidade para garantir sua segurança, testar a lealdade de seus familiares e aliados potenciais e surpreender seus adversários (DUARTE, 2010, p.25).

Electra acredita no mensageiro, que seu irmão vive, pois naquela época o relato de um mensageiro era tido como fato e verdade absoluta. Eles conversam por longo tempo sem que Electra desconfie de quem ele é. Só no segundo episódio é que há a identificação, através do Velho, que fora quem levou Orestes para o exílio. O Velho chega à cena apresentando justamente as três provas apresentadas pela Electra de *Ésquilo*, mas aqui as três são refutadas pela Electra de Eurípides, pelos mesmos motivos que um leitor moderno as julgaria não confiáveis – mais uma prova do avanço da obra do tragediógrafo para seu tempo. Sobre os cabelos: “[...] que relação existe entre as madeixas de um nobre desportista e as melenas de uma donzela que as escova sempre? Nenhuma, pois o tom de mecha idêntico não é exclusividade

dos parentes!” (SÓFOCLES, 2009, p.100). Sobre as pegadas, quando o Velho pede que ela compare para ver se são do mesmo tamanho, ela diz que homens têm pés maiores que mulheres; e quando o velho lhe indaga se não tecera uma roupa para ele quando foi embora: “Ignoras minha idade quando Orestes partiu? Mesmo se eu lhe tecera roupas, como haveria de o então menino usá-las hoje, se não crescessem com seu corpo?” (SÓFOCLES, 2009, p. 100). Essa Electra não deve ser encarada como descrente, mas como realista, prática: ela refuta as provas por elas não serem suficientes, por serem vagas. Dessa forma, pode-se encontrar uma sátira/crítica de Eurípides à peça de *Ésquilo*, numa intertextualidade que dialoga diretamente com o outro autor, criticando algo que pode ser encarado como uma falha no enredo:

Depois disso, o Velho vê Orestes e o reconhece, percebe os traços do menino de quem cuidara; como prova final, fala de uma cicatriz que Orestes tinha e que é visível no mensageiro. Após essa prova, Electra acredita que está na frente do irmão e este então confirma. Em Eurípides, não é Orestes quem se identifica, mas o Velho e a própria Electra. Isso é mais um fato que mostra um perfil de um Orestes frio e calculista, pois após todos os lamentos da irmã ainda não havia se revelado, outros tiveram que fazer isso. Até quando ele esconderia sua identidade se não fosse descoberta? Em Eurípides, o reconhecimento de Orestes é posterior ao de *Ésquilo*, mas em parte devido à complexidade do enredo que exige diversos acontecimentos anteriores. Porém, o reconhecimento do Orestes de Sófocles é muito mais tardio que nessas duas peças, se dá apenas no quarto episódio. Isso faz, como já foi dito antes, que a peça mantenha uma angústia constante, pois Sófocles apresenta a trama de que Orestes está morto, contada também em *Ésquilo* para enganar Clitemnestra e Egisto, de forma a ser também enganadora de Electra; há então uma Electra que

acredita na morte de Orestes e, portanto, que perdeu todas as suas esperanças. Em Eurípides não há esse engano, pois Clitemnestra e Egisto não têm conhecimento do regresso de Orestes, nem recebem o falso relato de sua morte.

Voltando ao primeiro episódio de *Coéforas*, Orestes se junta à irmã e ao coro nas libações, pedindo aos deuses por justiça. A justiça é o elemento central da obra de Ésquilo, e seus personagens desempenham seus atos julgando estarem ao lado dela; Orestes, Electra, Clitemnestra e Egisto, cada um tem suas razões e se acha correto em seus atos: Orestes e Electra acreditam ser justo vingar a morte do pai; Clitemnestra matou Agamêmnon porque este sacrificara sua filha e porque ele a deixou sozinha durante os anos da guerra de Tróia; e Egisto quis matar Agamêmnon para vingar o crime que o pai deste cometeu contra seu pai, pois para os gregos os filhos eram herdeiros das culpas e atos dos pais, merecendo suas punições. Na *Electra* de Sófocles, aparece no primeiro episódio Crisótemis, irmã de Electra. Ela tenta persuadir a irmã a ser mais ponderada, pois esta Electra é uma criatura em eterno luto, que grita e lamenta, transtorna e xinga a mãe, mesmo tendo se passado muitos anos da morte do pai. Juntamente com o coro, Crisótemis pede que Electra aprenda com o tempo, diz que este faz com que as dores diminuam. Porém, a Electra de Sófocles é uma personagem irreduzível, que encara a mãe e Egisto como grandes vilões e vê a irmã com maus olhos por esta ser resignada e conseguir conviver com os assassinos de seu pai. Crisótemis aparece como personagem apenas na versão de Sófocles, e ela tem uma função fundamental: fazer o contraste de caráter com Electra, para que ao lado de sua figura aquiescente, Electra pareça ainda mais grandiosa, mais inabalável em sua conduta.

Em seguida vem o primeiro estásimo, no qual o coro canta mitos sobre mulheres que mataram

filho, esposo ou pai. Aqui aparece a ideia de que as Erínias vingarão a morte de Agamêmnon por Clitemnestra, com a ênfase da justiça disso. No primeiro estásimo de Sófocles, o canto se dedica a narrar o pesadelo tido por Clitemnestra como um bom presságio. Já em Eurípides, também há um clamor por vingança, o coro fala sobre o adultério de Clitemnestra e da esperança de que isso seja vingado. Portanto, nos três estásimos um coro que está ao lado de Orestes e Electra, que desejam a vingança da morte de Agamêmnon.

Começa o segundo episódio: em Ésquilo o cenário muda de local, agora se passa na frente do palácio de Argos, não mais em frente ao túmulo de Agamêmnon. Orestes finge-se de forasteiro desconhecido e anuncia à Clitemnestra a morte de Orestes. Quem escuta também a notícia é a ama do palácio, que cuidou de Orestes quando criança; em contraste com o discurso de Clitemnestra, vê-se na ama a verdadeira dor da perda de um ente querido, enquanto na mãe percebe-se algo próximo de dissimulação. Eis parte do discurso da ama, falando da reação de Clitemnestra: “Ante os servidores, finge um luto de olhos turvos, ocultando o riso por acontecimentos para ela bem-sucedidos” (ÉSQUILO, 2004, p.123). Em Sófocles, o segundo episódio começa com um confronto entre Electra e Clitemnestra, no qual a primeira acusa a segunda por suas perfídias e esta se defende, justificando seus motivos. Após isso, chega o Pedagogo anunciando a morte de Orestes, se passando por um mensageiro. Ele relata com detalhes a morte, para sua notícia ser convincente, como mostra Duarte (2010):

Designar ao preceptor, um homem mais velho, a tarefa de informar a morte de Orestes, e cumular sua fala de detalhes sobre o acidente fatal, podem ser indícios de que Sófocles e, de certa maneira, também o espectador ateniense das últimas décadas do século V a.C., considerava pouco persuasiva a solução imaginada por Ésquilo (DUARTE, 2010, p.30).

Como já dito, era comum assumir como

verdade tudo o que era relatado por um mensageiro, então o estranhamento está em Sófocles nos apresentar um mensageiro que mente. Na peça de Eurípides, não há o engano sobre a morte de Orestes; o que ocorre no segundo episódio é o planejamento, realizado pelo Velho, de como Orestes deve matar Egisto:

No segundo estásimo de Ésquilo há uma prece aos deuses, principalmente a Zeus. Em contraste a isso, em Eurípides ocorre nesse estásimo a manifestação de uma descrença em mitos, enquanto os menciona:

“É o que se diz, mas custa-me crer em que o sol, olho-ouro, alterasse sua latitude, cambiasse a tépida estação em detrimento geral, para penalizar um único” (ESQUILO, 2004, p.109-110).

Em Sófocles Electra lamenta junto ao coro, pois ela sabe da morte do irmão, o que não ocorre nas outras peças, já que só nesta versão ela é enganada.

O terceiro episódio de Coéforas começa com a aparição de Egisto, que questiona sobre a morte de Orestes, falando que não desejava que isso ocorresse. Ele entra no palácio e o coro canta a esperança na vitória de Orestes. Um servo sai e anuncia a morte de Egisto. Clitemnestra escuta os gritos e descobre que Egisto está morto e Orestes vivo. Este receia matar a mãe, mas Pilades o lembra que é seu destino e dever, pois o próprio deus Apolo pede, e a ordem de um deus está acima das leis humanas – este fato é retratado em várias tragédias, para lembrar da autoridade divina superior a dos mortais:

*It is with luck one can avoid being punished for breaking a human law, but never for breaking a divine law, such as the divine law forbidding incest, or enjoining gratitude to benefactors; and the reason is that when a divine law is infringed the punishment follows (as we should say) automatically (KITTO, 2002, p.122).*

E isso de fato ocorre com Orestes, pois ao fim de seu julgamento, como se pode ver

na tragédia Eumênides, ele é perdoado pelo matricídio, pois o fez em obediência a uma ordem divina.

Segue-se uma discussão entre Clitemnestra e Orestes, em que ela tenta o persuadir a deixá-la viver e ele a acusa de seus atos, para depois matá-la. Em Eurípides, também no terceiro episódio Orestes mata Egisto. Porém, esta cena não se passa no interior do palácio: Orestes vai até Egisto, fora das muralhas da cidade, enquanto os outros personagens permanecem em cena; escutam-se apenas gritos, para depois um mensageiro contar em detalhes o ocorrido. Ele conta do engano, que Egisto convidou Orestes, tomando-o por um estrangeiro nobre, para participar de sacrifícios que estava realizando, sendo então ele próprio o sacrificado. O mesmo engano ocorrerá logo depois, quando Electra convida a mãe para sacrifícios para uma falsa gravidez sua, quando na verdade a intenção é também matá-la.

A Clitemnestra de Eurípides se mostra mais sensata: enquanto em Ésquilo ela é dissimulada e em Sófocles ela é retratada de forma malévola, aqui ela é quase maternal, parece se preocupar com a condição de Electra. No discurso que há entre as duas, percebe-se uma Electra conservadora contra uma mãe moderna – Eurípides mostra algo bem à frente do seu tempo: uma preocupação que beira o feminismo, com uma Clitemnestra que se justifica com argumentos sustentados na igualdade de gêneros, o que não havia na época. Clitemnestra faz um discurso retórico e lógico: diz que é odiada porque as pessoas ignoram os fatos; diz que Agamêmnon enganou a filha e a sacrificou; julga a morte da filha ser por uma mulher devassa (Helena), e não pela pátria ou pela família; ainda junta o fato dele ter voltado da guerra trazendo uma amante consigo. Electra refuta os argumentos da mãe, chamando-a de leviana e fazendo diversas acusações. *“Euripides, with his ingenious device of an unconsummated marriage, presents us with a sex-starved*

*Electra, jealous of an easy-going 'sexy' Clytemnestra*" (WINNINGTON-INGRAM, 2002, p.231).

Se o Orestes de Sófocles é desinteressante, o de Eurípides consegue superá-lo na falta de autoconfiança e no titubeio. Manifesta pouca afetividade ao revelar sua identidade à irmã e recebe dela a força necessária para executar o assassinato da mãe [...] (VIEIRA, 2009, p.15).

Além disso, em Sófocles as mortes aparecem invertidas: Orestes primeiramente mata a mãe e depois Egisto. Com isso, o momento final recai sobre a morte de Egisto, o novo rei, que ocupa o lugar de Agamêmnon. A morte de Clitemnestra recebe aqui menos importância, com o matricídio não sendo enfatizado, como fala Winnington-Ingram (2002):

*Why Sophocles reversed the Aeschylean (and Euripidean) order of the deaths? Obviously (...) because Aegisthus was the tougher proposition, the greater obstacle to the liberation of Electra and the house; and this has been taken as evidence that Sophocles regarded the killing of Clytemnestra a less important, the matricide as a minor issue or no issue at all.* (2002, p.234).

Retomando o terceiro episódio de Sófocles, defronta-se ainda com uma Electra que julga o irmão morto; chega Crisótemis dizendo ter encontrado provas de que Orestes havia voltado. Electra a chama de tola e não acredita, dado que tem como certa a morte do irmão. Tenta então convencer Crisótemis a elas mesmas vingarem o pai; quer ajuda da irmã para ter mais força, porém esta se recusa e pede para a irmã ponderação.

O terceiro estásimo de Ésquilo é um canto de alegria, de celebração da justiça e vingança. O coro fala da libertação da cidade, da morte dos tiranos sendo necessária não apenas para vingança de Agamêmnon, mas para o bem da pólis. Em Eurípides há um canto que recorda o assassinato de Agamêmnon ao mesmo tempo em que se escutam gritos de Clitemnestra vindos do casebre. Em seguida, Orestes e Electra saem da casa e cantam junto com o coro, arrependidos de terem cometido matricídio. No terceiro estásimo

de Sófocles, o coro canta a solidão de Electra, que está sem esperanças, por acreditar o irmão morto e não ter auxílio da irmã – está sozinha, para ela a vida acabou.

Apenas a Electra de Sófocles apresenta um quarto episódio e um quarto estásimo, sendo que o quarto episódio apresenta o momento de maior clímax da peça, quando há a revelação de Orestes de sua identidade para Electra. O quarto episódio começa com Orestes carregando uma urna que deveria conter as suas próprias cinzas. Electra o encontra e começa um diálogo lírico entre eles, ao final do qual ele revela sua identidade, confirmando-a através de um anel do pai, que trazia consigo. Sobre o retardamento do reconhecimento de Orestes, Winnington-Ingram (2002) afirma ser isso uma inovação superior às realizadas por Eurípides:

*Euripides innovates boldly with his 'married' Electra, his transference of the action to a cottage in the country which necessitated ways of murder. But Sophocles, adhering closely to tradition and convention, postpones the recognition and so transforms the drama – a stroke as brilliant and (one presumes) original as the more obvious innovations of Euripides* (WINNINGTON-INGRAM, 2002, p.2).

Segue-se um momento de exaltação de Electra, mas Orestes pede à irmã que se contenha enquanto o ardil ainda perdure e a vingança não for consumada. Chega o Pedagogo dizendo para Orestes se apressar, pois todos no palácio acreditam em sua morte. Orestes diz para a irmã que o Pedagogo foi aquele a quem ela o entregou quando criança, pergunta se não lhe reconhece; ele é um personagem similar ao desenvolvido pelo Velho na Electra de Eurípides, o qual identifica Orestes e revela a farsa. Ao fim do episódio, todos entram no palácio, permanece apenas o coro. O quarto estásimo fala da chegada das Erínias que vingarão Agamêmnon. É um canto de júbilo e vingança. Ele se assemelha mais ao terceiro estásimo das outras duas peças do que o seu próprio terceiro estásimo. Sai Electra e ela dialoga

com o coro enquanto do palácio se escutam os gritos de Clitemnestra.

Por fim, no êxodo de Sófocles, saem Orestes e Pilades do palácio e Orestes confirma a morte de Clitemnestra. Veem Egisto se aproximando e retornam ao palácio, para mantê-lo iludido no ardil. Egisto chega repleto de esperanças, feliz com a notícia falsa da morte de Orestes. Para ele, é o momento de triunfo máximo, quando poderá enfim reinar sem medo da vingança do filho de Agamêmnon. Dialoga com Electra e esta apresenta uma fala repleta de ambiguidades: a cada pergunta dele, responde com verdades, mas por ele interpretadas de maneira errônea. Ele acha que Orestes está morto, ela sabe que a morta é Clitemnestra. Aparecem então Pilades e Orestes trazendo um cadáver coberto por um manto. Egisto aproxima-se do cadáver e descobre quem é o verdadeiro morto. Ele percebe então o ardil e pede uma última fala, a qual Electra aconselha o irmão a não permitir. Orestes manda que Egisto entre com a justificativa de que o quer matar onde o pai fora morto. Entram então para a morte de Egisto. Em *Coéforas*, Clitemnestra e Egisto já estão mortos. Há um discurso de Orestes acusando os dois por seus atos vis, justificando o seu crime. Por fim Orestes começa a sofrer a punição do matricídio: a peça acaba com ele fugindo alucinado, após a visão das Erínias da mãe, fantasmas que apenas ele enxerga se aproximando:

Em *Ésquilo*, fica claro que Orestes cometeu um crime grave, mesmo que para cumprir um oráculo e vingar o pai. Das três tragédias, esta é a que apresenta o desfecho mais trágico, com um Orestes desesperado, sem saber o que ocorrerá com ele. Na *Electra* de Sófocles, ao contrário, não é mostrada punição alguma pelo crime de Orestes, peça que acaba com um final feliz. Segue-se uma justificativa para isso

Aqui, por boca d Electra, Clitemnestra, a adúltera, que assassinou o marido e repeliu os filhos, é repudiada, sua morte é um castigo merecido, e compreendemos que para este Orstes, no final da peça, não subam do mundo subterrâneo as Erínias, mas, ao contrário, que lhe seja aberto o caminho para um futuro de paz (LESKY, 2006, p.171).

Já em Eurípidés, Orestes também será punido, mas sabe de antemão que será perdoado pelo voto de Minerva, pois no êxodo dessa peça surgem os irmãos de Clitemnestra, deuses vindos do céu para resolver a situação e fazer o desfecho da peça. Justamente Eurípidés, conhecido como mais inovador dos três autores, é o que apresenta o final considerado o mais fraco, apelando para o famoso deus ex machina: a chegada de deuses que resolvem toda a situação, tirando essa posição das mãos dos mortais. Eles dizem tudo que deve ser feito e tudo que ocorrerá: falam do julgamento de Orestes, da acusação das Erínias, e que ao final ele será absolvido, mas não sem muito sofrimento até isso. Também falam que Electra deve se casar com Pilades – novamente uma Electra casada, agora não só em palavra com um camponês, mas um casamento consumado e real – algo inexistente nas outras duas versões do mito. A peça acaba com os deuses mandando que Orestes fuja, pois as cadelas já se aproximam:

“[...] vai!, Vê!, fuge para Atenas, que perras te perseguem! fuge para Atenas, que perras te perseguem! Suas terríveis passadas já te alcançam, braços de serpe, pele negro-pezu, portanto o fruto do horrível sofrer.” (VIEIRA, 2009, p.131).



## Referências

DUARTE, Adriane da Silva. “Um relato enganoso na Electra de Sófocles” in **Estudos sobre o teatro antigo**. Org. Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Alameda, 2010.

ÉSQUILO. **Coéforas**. Tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.

KIRKWOOD, G. M. **A study of sophoclean drama**. EUA: Cornell University Press, 1996.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

REHM, Rush. **Greek tragic theatre**. London: Routledge, 1994.

SÓFOCLES. Electra in **Electra(s), Sófocles, Eurípides**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

VIEIRA, Trajano. “Sófocles ou Eurípides” in **Electra(s), Sófocles, Eurípides**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

WINNINGTON-INGRAM, R.P. **Sophocles: an interpretation**. EUA: Cambridge University Press, 2002.

**Artigo enviado em:** 08/09/2012

**Aceite em:** 20/12/2012